

Por uma linha recta mais suposta que o areal e o mar

À À À Maria Teresa Arsénio Nunes

Um dos aspectos que mais marcam a poesia de Anténio Gedeão é aquela espécie de serenidade primordial que a cada verso alisa as arestas do tempo. Que uma lisura a identifica.

Anténio Gedeão escrevia como quem vai fazendo o diário compassado de uma perplexidade elementar, ou como quem taceia o mundo e o interroga:

"Entre mim e a Evidência
 paira uma névoa cinzenta.
 Uma forma de inocência,
 Que apoquenta.
 [â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦]"

Talvez sejam aqueles que mais respeitam a inefabilidade da vida os que mais necessidade sentem de lhe proferir um rigor, e poetas seriam os que persistem nesse obstinado rigore de perante ela se inclinarem. Como quem se lhe afeiçoava.

À

Sã eles sabem sob quanta solidão e quanta melancolia, por quanta resignação e no entanto ao gosto de quanta plenitude. Não seria pois Anténio Gedeão menos pedagogo que seu irmão, e irmão de sangue, Rômulo de Carvalho, como se ambos tivessem firmado um pacto de lealdade mútua; e tudo indica que a ironia e a gravidade postas por Rômulo de Carvalho na legítima prática de afirmação e sedução pedagógica é afinada nessa outra forma de eloquência poética que terão sido as suas aulas — não terão sido menores do que aquelas mesmas gravidade e ironia que Anténio Gedeão punha no legítimo exercício retórico do escritor. Essa eloquência poética, ainda quando o seu ofício poético não fosse revelado, parece na verdade ter correspondido a uma grande necessidade de compreensão do universo, a uma aprendizagem de vida e ao gosto puramente humano da sua partilha: porque, para o poeta que ia num e noutro, o formal, como expressão da inteligência e da capacidade de abstracção do Homem, são em nome dela, de uma grande exigência de justiça e de verdade e de uma grande exigência de sentido — que é como quem diz de uma grande exigência de libertação — se justifica. E lhe justifica cada palavra, cada verso, cada frase ou lição.

Esta é desse ponto de vista uma atitude eminentemente moral, se bem que não propriamente moralista ou de intuítos moralizantes, isto é, impõe-se menos como preceito apriorístico de conduta que como preceito, ou princípio, de dignidade humana (eu ia a dizer, hoje, de sobrevivência dessa dignidade) decorrente daquela sistemática atenção ao mundo circundante, ao mundo da razão e ao mundo dos sentidos. Numa espécie de amorosa aplicação. E decorrente também da suspeita metódica (quase pessoana, não fosse a peculiar capacidade de Anténio Gedeão amaciar e em todos os sentidos harmonizar tudo o que nele porventura haja de pessoano) do non-sense de um e outro. Ainda que muitas vezes calada, ainda que nem sempre confessa. Em todo o caso aqui ou ali insinuada:

"Chamei o meu ser que pensa
 para ralar com o que sente
 Sempre que os ponho em presença
 sorriso, piedosamente.
 [â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦â€¦]"

Obstinado Rigore: curioso que neste contexto um título de Eugénio de Andrade — e com ele a grande referência da cultura humanista que é Leonardo da Vinci — inesperadamente ocorra. E no entanto, o sentido que isso tem.

Quando Anténio Gedeão publicou o seu primeiro livro de poemas, Movimento Perceptivo, 1956, e quando Eugénio de Andrade publicou Obstinado Rigore, 1964, já não era tanto aquela «pura», fria lucidez pessoana que ocupava a consciência e o gosto poético da geração a que ambos literariamente pertencem, se bem que biologicamente separados por dezassete anos; sequer o do não menos pungente, embora bem mais musical, confessionalismo emocional das tensões íntimas de um Diário de São Carneiro, aquele «Quase» («Um pouco mais de sol — eu era branco | Um pouco mais de azul — eu era alomão») e aquela Dispersão. Resolvida que fora, formalmente, a subversão de valores literários e poéticos em boa hora praticada pela geração de Orpheu, no sentido de uma adequação da escrita à própria verdade dos seus múltiplos sentidos, e consolidada, até em termos técnicos, pela da presença; resolvidas que

havia sido, assim, as perplexidades do movimento modernista; e saudavelmente ultrapassados os limites da deriva neo-realista dos anos quarenta — era agora o tempo em que os poetas organizavam versos como quem plasmava sentidos e saberes elementares e como quem, já, com a consciência do peso de cada palavra, nelas procurava acima de tudo uma depuração. A delas mesmas e aquela que advinha da sua articulação na frase, ou no verso, e nos seus ritmos.

E eram outras as ambivalências que os moviam, ou, se não deixavam de ser as mesmas na universalidade dos temas (não tanto na dos motivos), era outra a forma de com elas se confrontarem. Fosse, como foi o caso de Eugénio de Andrade, para cantar a sensualidade das nascentes, uma água, uma transparência, o fluir dos rios, os sinais do amor ou os meandros da sua afirmação, o romper das manhãs ou o encontro dos corpos; fosse, como António Gedeão, de uma maneira mais insinuada, mais sugerida do que exposta, mais implícita do que explícita, para a tudo isso devolver uma razão de ser e um sentido. Mais: para lhes descobrir — e para subtilmente a descoberto — uma inteligência dos sentidos, uma serenidade.

Foi essa ainda a década dos Cadernos de Poesia, da Távola Redonda e da Árvore, a da maior afirmação de Ruy Cinatti, de Sophia, de Jorge de Sena mesmo por entre a truculência, nem sempre assim tão subtil, de muitos dos seus versos; a de Ramos Rosa e de David Mourão-Ferreira. E incluir — amos a —, nessa década de um lirismo tão decantado, também Alexandre O'Neill e João Rui de Sousa, não fosse a muito individual, às vezes quase trágica ainda quando terna, forçada da veia satírica de um, e a circunstância de ser já de sessenta a estreia poética do outro.

A todos une uma poética da imanência e a busca de uma unidade elementar, onde a palavra com as suas diversas componentes linguísticas assume finalmente o valor plástico e musical que a modernidade lhe atribui na sua função de comunicação, com a carga simbólica e expressiva que é sua e com o melhor da sua vocação retórica, mas à margem de uma qualquer missão social que a queira com maior ou menor legitimidade justificar ou a que o seu autor a queira vincular, mais ainda à margem das perversões de ordem religiosa, ideológica ou política que tantas vezes se lhe colam.

Não deixa em todo o caso a poesia de António Gedeão de corresponder, creio que também para além dos limites de quaisquer fronteiras nacionais, a uma persistente vocação humana e humanística, acabando uma espécie de melodia muito antiga, um qualquer, indefinido eco de um ritmo manso e de uma cadência — uma música que nos canta de muito longe, quem sabe de que perda ou difusa memória do nosso imaginário. Julgo ter sido no desejo de invocação de uma função eminentemente universal, humana e unitária da música na sua (essa sim: —ntima) vinculação à poesia, i. é., no sentido filológico mais remoto do termo e enquanto função de uma linguagem, nesse sentido mais próximo de uma vocação do que de uma missão, que David escreveu um dia uma Ode à Música (1980), para perto do fim concluir: «Sã tu a cada instante nos declaras | que renegas a voz de quem divide | [ê] Que os do próprio Universo o que o sublima [...]».

Admito que, independentemente de outros aspectos da sua indiscutível qualidade formal, ou das boas causas que, quer se queira ou não, serviu, isso possa explicar em parte a popularidade que ganharam alguns dos poemas de António Gedeão, através da sua harmonização e divulgação pelo canto, nomeadamente o canto de protesto nos anos sessenta e setenta. Admito isso quanto à relativa popularidade e à divulgação da sua mensagem humana, que não tanto a uma significativa motivação para o contacto directo com os seus livros (por razões de ordem histórica e social que não vou aqui ao caso, era já então uma elite que tinha o hábito de ler, embora creia que se lia então mais poesia do que hoje).

Para quem não tenha tido o privilégio de conhecer pessoalmente Rômulo de Carvalho ou ser seu aluno, essa motivação para uma abordagem e um conhecimento mais sério da sua obra poética terá vindo, virá sempre, sã pode vir acima de tudo da sua própria leitura e, nela, de uma atenta, necessariamente aplicada, disponibilidade para o seu canto —ntimo — justamente aquele que advem da música dos seus versos, da articulação dos seus ritmos e dos seus sentidos mais antigos, da sua ressonância profundamente humana e do seu significado universal. Sempre — em procura da ímpida medida —. E terá sido em boa parte isso o que, de simultaneamente tão moderno e tão intemporal, lhe deu contornos tão clássicos.

Não por acaso, vários daqueles poetas seus contemporâneos lhe dedicaram atentos ensaios. Mas deve desta plácida (ou chamemos-lhe antes, na presente circunstância, constelação, que em linguagem da Astronomia lhe é sinónimo) destacar-se Jorge de Sena: porque o já histórico Prefácio, de 1964, que Sena escreveu para as primeiras edições das Poesias Completas de Gedeão, seguido de um Post Scriptum de 1968, aparece reproduzido no volume que agora reúne todos os seus textos, alguns inéditos, e não sã de poesia (António Gedeão — Obra Completa. Lisboa: Relógio de Água, 2004); porque no mesmo volume se incluem as cartas que, por causa daquelas primeiras publicações e na sequência da revelação da sua identidade, Rômulo de Carvalho lhe dirigiu, i. é., a parte que lhe coube da correspondência que trocaram (entre 1958 e 1977), antecedida, aliás, de umas «Breves Palavras» deste sobre as relações entre ambos; mas acima de tudo pelo muito que esses documentos iluminam a abordagem da poesia de Gedeão e pelo muito que dá a conhecer das afinidades que sob um trato um tanto cerimonioso ligavam dois grandes poetas e dois grandes homens de tão diversa personalidade.

Sub-intitulado «Esboço de Análise Objectiva», aquele Prefácio sobre «A Poesia de António Gedeão» terá provavelmente dado entãlo a conhecer ao leitor comum mais sobre as virtualidades e capacidades de análise crãtica de Sena do que sobre as virtualidades poãticas de Gedeão. Mesmo para os iniciados em estudos literãrios, e à margem da celeuma ou, como o prãprio lhe chamou, do escãndalo que tenha suscitado, ã de facto dos textos mais hermãticos de Jorge de Sena, na linha, aliãis, dos seus aturados e rigorosãssimos estudos sobre Camães, sobre o soneto quinhentista peninsular, etc. O que evidentemente nãlo obstou a que constituãsse homenagem e estãmulo para uma personalidade igualmente superior ã se bem que, ao que tudo e tambãom a sua escrita indicia, mais modesta ã como Rãmulo de Carvalho prosseguir no seu labor poãtico a par da sua dedicada e escrupulosa actividade profissional. Do que as cartas dãlo, entretanto, sentido testemunho.

Sãlo parcas e sãlo poucas as cartas que ambos trocaram, apenas uma meia dãozia. Mas sãlo um notãivel, porque hoje raro, exemplo de efectivo testemunho literãrio a justificar e a legitimar a sua publicaããlo. Para alãom daquelas em que, a pretexto de lha agradecer, comenta uma ou outra obra de Jorge de Sena ã e tambãom aã-, naturalmente, denuncia a sua prãpria atitude literãria ã refiro-me em particular, porque ã de Gedeão que no presente catãlogo se trata, ã s datadas de 9 de Dezembro de 1958, de 29 de Dezembro de 1963 e de 24 de Marãço de 1974.

Rãmulo de Carvalho escreveu-lhe a carta de Dezembro de 1958 a propãsito da inclusãlo de António Gedeão na antologia daquela que serã sempre uma obra de referãncia fundamental para qualquer estudioso cuidado da literatura portuguesa: as sãories de Lãricas Portuguesas, primeiro editadas pela Portugãlia Editora, sendo depois os dois volumes da 3.ã sãorie (1958 e 1972) ã justamente a sãorie que ã da responsabilidade de Jorge de Sena e por ele prefaciada ã reeditados em 1983 e 1984 pelas Ediãães 70. Conforme modelo da colecããlo a antologia ã precedida de uma apresentaããlo do poeta antologado ã essa, sim, em informaããlo e sãntese crãtica, do melhor que tem sido feito pela sua divulgaããlo. Nãlo resisto a transcrever literalmente algumas passagens desta carta:

"[ã!] Gostei muito de ler a sua prosa viril, ã s vezes levemente castigada com prejuãzo da fluidez [ã]. Nãlo se canse de impor a relacionããlo dessas variãveis sociais, que tanta gente responsãvel julga independentes, fazendo-a sentir aos homens [ã]. O que mais admirei no seu Prefácio foi exactamente essa visãlo de um mundo em bloco, essa consciãncia carnal de que somos cãlulas de um tecido vivo".

Menos generalistas sãlo os aspectos que gostaria de destacar na carta de 1963 ã a carta em que acolhe com o maior prazer a incumbãncia de Jorge de Sena prefaciã igualmente a ediããlo dos seus poemas ã, designadamente aqueles aspectos que se prendem com as suas leituras preferenciais e com a sua atenããlo ao mundo literãrio como parte do mundo circundante:

"[ã!] Tenho grande admiraããlo pela sua obra, pela invulgar e incãmoda lucidez com que dissecã os temas em que toca [ã] Acompanhei sempre todo o movimento literãrio do meu tempo. Vi nascer o Josã Rãgio, o Torga, a presenãa [sic, refere-se evidentemente ã revista de 1927-40, que representa o nosso segundo movimento modernista e que fazia questãlo de grafar o seu prãprio tãtulo com inicial minãscula], li-os todos. [ã] Li todos os jornais e revistas literãrias posteriores ao Orfeu [ãrgãlo do nosso primeiro modernismo, 1914-15]. Li sempre muita poesia e sempre senti maior interesse por Camães, Cesãrio e António Nobre [ã]."

Entretanto, nãlo ã, curiosamente, sem uma reserva, nãlo ã sem um mas que se refere a Fernando Pessoa:

"[ã] Custa-me (veja lã) ligar o nome de Pessoa ao do modernismo. Pessoa ã um poeta muito antigo, nascido num tempo moderno. ã um grande poeta, sem dãvida, mas uma voz distante [ã]."

Que me seja desculpado o abuso, se o for, da interpretaããlo, mas alguma coisa me diz que a distãncia a que delicadamente Gedeão se reporta nãlo ã apenas a do tempo que separa antigos e modernos. Aliãis, reconhece mais adiante na mesma carta:

"[ã] ã por didactismo, e nãlo por amor da tradiããlo, que insisti em formas clãssicas de poesia [ã]."

Apetece corrigir um pouco a formulaããlo para dizermos: terá sido por sincero didactismo que António Gedeão insistiu em formas clãssicas de poesia, mas nãlo o terá sido com menos amor dessas formas clãssicas; nem, nesse sentido, e sã nele, com menos amor da tradiããlo do que da modernidade do seu tempo.

Penso sobretudo que a poesia de António Gedeão soube, com a naturalidade e a serenidade de que sã os melhores sãlo capazes, num esforãço de depuraããlo e equilãbrio formal que tem de corresponder antes do mais a uma grande autovigilãncia da prãpria sensibilidade, realizar uma inteligentãssima e muito culta, tambãom nesse sentido muito educada, sãntese do clãssico e do moderno. Pela muita humanidade que ela contãm.

E pela terna ironia que ã tãlo sua, quase pueril na verdade dos seus termos. Nãlo serã despropositado mencionar aqui,

a par dos inãmeros tã-tulos de divulgaã§ãŁo cientã-fica e histã-rica publicados em vida no ãmbito das suas preocupaã§ãŁes de ordem pedagã-gica, as palavras que do Autor os herdeiros evocam no prefã-icio ao enternecedor livro pã-stumo intitulado As Origens de Portugal ã€“ Histã-ria contada a uma crianã-ça, quem sabe se na secreta convicã-ãŁo ou pelo menos na pequena esperanã-ça de que nã-Ło tenha sido esse, discretamente, um dos seus menores legados:

"[ã€!] Muitas pessoas aborrecidas ficam bem dispostas quando lã-em versos. Por isso ser grande poeta ã-Ło ã-til como ser grande mã-dico ou ser grande engenheiro."

Nã-Ło conheã-ço, entre mã-dicos, matemã-ticos e engenheiros, discã-pulo de Rãmulo de Carvalho que nã-Ło se lhe refira com grande respeito, orgulho e delicadeza. E tambã-Ło quase sempre com um sorriso manso, mas grave ã€“ nem que seja apenas no recitar-lhe alguns versos avulsos. Como quem sabe, ou suspeita, que, ao evocar a sua grandeza moral, a sua ironia fina, o seu exemplo pedagã-gico e de comportamento, a sua natureza afã-vel e a sua sabedoria, ã- portador da responsabilidade de uma outra exigã-ncia de equilã-brio, de uma outra scientia: aquela que nã-Ło se cingeã- clareza da informaã-ãŁo teã-rica e empã-rica transmitida nos compã-ndios, nas obras de divulgaã-ãŁo cientã-fica que o mestre lhes deu a estudar ou atravã-os das suas prã-prias liã-çãŁes; aquela que a outro rigor e a outra obstinaã-ãŁo se resume, como se eles fossem os ã-ltimos herdeiros de um resto de humanidade.

E quanto a nã-Łs, na evocã-ãŁo e na procura da afabilidade dos nossos vivos, dos nossos poetas e dos nossos mortos, o legado de vida que a nã-Łs mesmos devolvemos: in memoriam.

Que concerto humano ã- este hoje, em que apenas uma dispersã-Ło nos pontua os tempos, apenas uma melancolia nos segura? No desencanto que nã-Ło serã- maior nem menor do que aquele a que obriga o processo de crescimento de todos nã-Łs, durante muito tempo, sem que saiba jã- exactamente quando nem porquã-a, dei comigo a invocar regularmente para mim mesma estes versos soltos que mais tarde verifiquei corresponderem afinal a uma minha corruptela inconsciente de um verso de Fernando Pessoa: eu queria ser rio | e correr.

Nos ã-ltimos anos, por entre o barulho e a patologia do nosso quotidiano, neste areal deserto correndo em linha recta, presto, presto, ou como se um desejo [me] chamasse ou como quem fixa o breve ponto onde se encontram | alã-Łm de todo o longe | as rectas que se dizem paralelas, demorei-me um dia mais atentamente nessa belã-ssima elegia que ã- o ã-«Poema do Cã-Ło ao Entardecerã-», de Antã-nio Gedeã-Ło, por uma linha recta mais suposta | que o areal e o mar:

POEMA DO Cã-ŁO AO ENTARDECER

"Um cã-Ło no areal corria presto.
Presto correria o cã-Ło no areal deserto.

Era ao entardecer, e o cã-Ło corria presto
no areal deserto.

Corria em linha recta, presto, presto,
pela orla do mar.
Pela orla do mar, em linha recta,
corria presto, o cã-Ło.

Era ao entardecer.
No areal as ã-guas derramadas
nas angã-stias do mar
lambuzavam de espuma as patas automã-ticas
do cã-Ło que presto, presto, corria em linha recta
pela orla do mar.

Sem princã-pio nem fim, em linha recta,
pela orla do mar.

Era ao entardecer,
na hora espessa, peganhenta e hã-mida,
em que um resto de luz no espasmo da agonia
geme nas coisas e empasta-as como goma.
No espaã-ço diluã-do, esfumado e cinzento,
corria presto o cã-Ło no areal deserto.
Corria em linha recta, presto, presto,
definindo uma forma movediã-ça
que perfurava a nã-Łvoa e prosseguia

pela orla do mar, em linha recta,
focinho levantado, olhos estãticos,
fixando o breve ponto onde se encontram
alãom de todo o longe
as rectas que se dizem paralelas.

Alternavam-se as patas na cadãncia,
na cadãncia ritmada do movimento presto,
deixando no areal as marcas do contacto.
Presto, presto.

Como se um desejo o chamasse, corria presto o cãlo
no areal deserto.
O ritmo sempre igual, a lãngua pendurada,
os olhos como brocas, furadores de distãncias.

Em seu ãltimo espasmo a luz enrodilhou
o cãlo, o mar, o cãou, o prãximo e o distante.
Era um suposto cãlo correndo presto, presto,
num suposto areal, realmente deserto,
por uma linha recta mais suposta
que o areal e o mar
Mas presto, presto, sempre presto, presto,
ia correndo o cãlo no areal deserto."

Desde entãlo, ã outra a frase que a espaãços, compassadamente, me ocorre e
acompanha: eu queria ser cãlo " e morrer.

E ã - que cabe esta outra passagem de uma carta a Jorge de Sena, justamente a jã referida carta de 24 de Marãço de 1974:

Como autor em causa nãlo quero referir-me ã sua extraordinãria lucidez, ã minãcia e ã profundidade do seu espãrito
crãtico e observador [ã!] O que eu quero agora admirar ã a sua humanidade, essa que tornou possãvel ler um livro,
sentindo-o. (O itãlico ã nosso.)

Hã tãlo boas ressonãncias de outros clãssicos e de outros modernos em Gedeãlo. Nãlo sãlo poucas, nem inferiores
ou menos significativas, as camonianas, de que ã supremo exemplo o ã «Sonetoã» dedicado Ao Luã-s Vaz, recordando o
convãvio da nossa mocidade.

Mas ã ainda uma vez de ressonãncia e rigorosa articulaããlo seniana a voz, talvez antiga, talvez clãssica na sua
contensãlo, mas nãlo distante, ã antes como uma velha e boa melodia, sensualãssima, aquela que nos chega do seu

POEMA DO ADEUS

"Exigem novas leis que os olhos nãlo se alegrem
quando as folhas das ãrvores lhes acenam;
quando o lagarto ao Sol o erãtico pescoãço,
erecto e circulante
como um radar,
transforma as ondas mansas
em lãbricas tensãpes.
Nãlo mais murmãrios de ãguas nem aromas de pinhos
que os ouvidos antigos recolhiam
e os narizes hauriam sequiosos
como exaustores de fumos;
nãlo mais abrir os olhos e fechã-los
sob a lãngua da luz lambendo morna
o convexo das pãlpebras;
nãlo mais levitaããlo do corpo no silãncia,
o porte da doninha na iminãncia
do que nunca acontece.
Pois que sejam meus olhos que ao fecharem-se
levem consigo a imagem derradeira
da fragrãncia poãtica do mundo;
que em meu rosto bafeje o ãltimo hãlito

das magas transparências inventadas;
que nele roce a última das aves,
de benévolas asas estendidas
que em construídos céus nos redimiram
da frágil condição de ser humano;
que as últimas mensagens
dos emissores piratas, clandestinos algures
no fundo dos cristais,
no pistilo das flores,
nas escamas dos peixes,
encontrem meus ouvidos.

Que a terra me seja leve."

S quem, como Antnio Gedeão, se aventura e obstina a sondar a respiração dos dias lhes conhece os cambiantes de luz e som, as surpresas da sua harmonia interna, o rigor de uma geometria. Como quem até ao fim persiste amavelmente em dizer: no sem-sentido da vida o sentido que ela tem.

Lisboa, Maio 2006